

## ***ESSA MULHER E SONORA:*** **DOIS RELATOS DE MULHERES COMpositoras**

[*ESSA MULHER AND SONORA: TWO ACCOUNTS BY FEMALE COMPOSERS*]

**ILESSI SOUZA DA SILVA<sup>i</sup>**

<https://orcid.org/0009-0003-1114-5969>

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, Brasil

**PALOMA RORIZ<sup>ii</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-7324-8785>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Resumo:** O presente texto propõe um breve relato de duas experiências em torno de coletivos musicais formado por mulheres compositoras, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2016 e 2021: o *Sonora – Festival Internacional de Compositoras* e o *Essa Mulher*. Escrito a duas vozes, o relato se divide em duas partes: uma primeira, conduzido por Ilessi, a partir da perspectiva da organização, produção e execução dos projetos; e a segunda, por Paloma Roriz, a partir de suas participações musicais nos eventos promovidos pelos dois coletivos.

**Palavras-chave:** Coletivos musicais; música popular contemporânea brasileira; mulheres; composição

**Abstract:** The present text proposes a brief account of two experiences around musical collectives formed by women composers, in the city of Rio de Janeiro, between 2016 and 2021: *Sonora – Festival Internacional de Compositoras* and *Essa Mulher*. Written in two voices, the report is divided into two parts: a first, conducted by Ilessi, from the perspective of organization, production and execution of projects; and the second, by Paloma Roriz, based on her musical participation in the events promoted by the two collectives.

**Keywords:** Musical collectives; Brazilian contemporary popular music; women; composition

1.

A inquietação despertada pela constatação de um quadro desigual no meio musical brasileiro, onde há pouca representação feminina em se tratando de compositores, arranjadores e instrumentistas, foi o que me levou ao envolvimento mais direto em atuações feministas na música. Minha atuação profissional na música se iniciou como cantora em 1998, mas foi somente por volta de 2010 que comecei a compor. Apenas em 2013 apresentei publicamente minhas canções, a convite do compositor mineiro Gustavito. A ideia de Gustavito era realizar um show, convidando compositoras mulheres e, além de mim, convidou também Luiza Brina. Lembro que, naquela ocasião, demorei para responder a ele de forma afirmativa, porque não me considerava compositora. Tinha poucas músicas e não acreditava que pudesse atuar como compositora de maneira sistemática. Mas ele acabou me convencendo a participar e a partir daí meu trabalho como compositora aos poucos passou a circular no meio musical.

Em 2016, fui convidada pela compositora mineira Deh Muss para realizar a curadoria e produção, além de participar, como intérprete e compositora, do *I Sonora – Ciclo Internacional de Compositoras*, que em 2018 passou a ser chamado de *Sonora – Festival Internacional de Compositoras*. A ideia era realizar um festival de música em diversas cidades de todo Brasil e de outros países, cuja programação apresentasse exclusivamente compositoras mulheres. O objetivo do *Sonora* era o de dar visibilidade ao trabalho dessas compositoras e fortalecer a ação coletiva de mulheres na música. A produção do *I Sonora* foi realizada por Deh Muss, Flávia Ellen, Amorina e Bia Nogueira (Belo Horizonte), Ana Luisa Barral (Salvador), LaBaq (São Paulo), Isabella Bretz (atuando em Belo Horizonte, Lisboa e Dublin) e eu (Rio de Janeiro).

Assim como quando recebi o convite para o show em 2013, resisti para aceitar o chamado de Deh. Mesmo já tendo iniciado, mas ainda muito esporadicamente, a apresentar minhas canções, participar de um festival de compositoras, não só como compositora, mas como curadora e produtora, era algo inimaginável. Ainda não me sentia preparada para me assumir como compositora. Deh teve um papel importante neste processo. Quando lhe disse que não era compositora, que tinha poucas músicas, ela

respondeu que, se eu fazia músicas, eu era compositora, não importando o número de composições.

O processo de produção e curadoria do *Sonora* foi fundamental na consolidação do meu autorreconhecimento como compositora. De fato, à medida que o trabalho no projeto avançava, constatava que diversas compositoras tinham a mesma dificuldade que a minha. Além desta dificuldade, o primeiro desafio identificado foi quando iniciei o processo de escolha das compositoras para integrarem a programação no *I Sonora RJ*. O festival era autogestionado, portanto, cada curadora de cada cidade tinha a liberdade de organizar a programação com a quantidade de compositoras e nos locais e datas que quisesse, desde que fosse no mesmo mês, em todas as cidades.

Decidi realizar uma semana de festival, com duas compositoras por dia. A programação do *I Sonora RJ* contou, portanto, com 14 compositoras. Para a escolha dessas compositoras, num primeiro momento, senti dificuldade em lembrar de compositoras mulheres para compor a programação, lembrando de poucos nomes. Para mim, este foi um dos momentos mais marcantes do processo de curadoria do *Sonora*. Primeiro, porque eu tinha certeza de que havia mais compositoras mulheres com trabalhos com os quais eu me identificava, mesmo assim, de imediato, lembrava de poucos nomes que as representasse. Além disso, e conseqüentemente, entendi que deveria desenvolver internamente um sentido de descondicionalidade da lembrança majoritária de nomes masculinos ligados ao trabalho de composição musical.

Vale lembrar que existe um panorama estruturalmente desigual, de origem histórica e cultural, no que se refere à representação feminina em papéis de compositoras, instrumentistas e arranjadoras. Marcela Velon, numa recente e importante pesquisa de doutorado<sup>1</sup> sobre coletivos femininos do Rio de Janeiro, aborda a questão:

Mulheres foram proibidas de tocar certos instrumentos em instituições formais de ensino musical até o início do século XX no Brasil. O número desproporcional de cantoras na música erudita em relação ao de instrumentistas de orquestras, por exemplo, se deve principalmente à necessidade de mulheres atuarem nas personagens femininas de peças operísticas (IGAYARA- SOUZA, 2011). O Regimento Interno do Instituto Nacional de Música, em portaria de 13 de junho de 1900, indicava claramente em seu artigo 84: “Só podem frequentar os cursos de instrumentos de orquestra alunos do sexo masculino. Todos os outros cursos poderão ser frequentados por alunos de ambos os sexos”

---

<sup>1</sup> VELON, Marcela da Silva. *Ação e obra de três coletivos de mulheres músicas na cidade do Rio de Janeiro - Análise feminista e decolonial*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Programa de Pós-Graduação em Música, Rio de Janeiro, 2022.

(REGIMENTO INTERNO 1900 apud IGAYARA-SOUZA, 2011, p. 243). Igayara-Souza destacou trechos de autobiografias de pianistas que tiveram destaque no início do século XX e demonstrou que tais narrativas denunciam preconceitos vividos, bem como desafios somados às carreiras de concertistas, simplesmente por serem mulheres (IGAYARA-SOUZA, 2011, p. 245-252). (VELON, 2022, p. 216-217)

Ainda sobre a dificuldade neste panorama, segue Velon:

Essa problemática se deveria ao fato de a indústria fonográfica ser ocupada inicialmente apenas por homens e, como donos do negócio e da tecnologia, restringiam os espaços às mulheres. O campo da música instrumental era marcado pela presença absoluta masculina nos primeiros anos do século XX, incluindo alguns raros cantores e nenhuma mulher (PRADO, 2019). Uma segunda explicação para essa permissão parcial frente à visibilidade da produção feminina é a de que existe uma desqualificação prévia do trabalho intelectual exercido por estas, pois os modelos masculinos seguem certa coerência em que estariam excluídos os supostos modelos femininos, tal como também vimos a partir de Susan McClary (2002), Laila Rosa e Isabel Nogueira (2015) e Harue Tanaka (2018) [...]. As atividades consideradas mais intelectualizadas exercidas por mulheres instrumentistas, compositoras, arranjadoras e pesquisadoras são menos aceitas do que aquelas em que estão de acordo com o suposto ideal feminino, assumidas através das funções de professoras e cantoras (ROSA, 2015 apud Lucy Green, 2001). Isso se repete nas artes da dança e interpretação, também atividades corporais, prevalecendo os homens entre os “[...] escritores, diretores, entre outros ofícios que concernem àquilo que se acredita como uma atividade mental no campo das artes” (PRADO, 2017, p. 13). (VELON, 2020, p. 218-219)

Dada a minha dificuldade ao elencar as compositoras para a programação do *I Sonora*<sup>2</sup>, comecei a procurar cantoras e instrumentistas que conhecia de cujos trabalhos gostava especialmente, e a perguntar se compunham. Muitas me respondiam de imediato que tinham algumas músicas, mas que não eram compositoras. Ali pude identificar a mesma restrição que eu me colocava ao não me reconhecer como compositora. Percebi, com isso, que o *Sonora* poderia ser uma grande teia expandida a perder de vista, onde nós teríamos a chance de contribuir mutuamente para o desenvolvimento de autoconfiança.

Outro desafio identificado logo no *I Sonora* foi a tentativa de construir uma equipe formada só por mulheres, desde o design gráfico até as músicas acompanhantes. A decisão das compositoras se acompanharem nos shows, tocando instrumentos harmônicos ou percussivos, gerou desconforto em muitas delas, inclusive em mim, que raramente me apresentava tocando violão, meu instrumento harmônico, e quase sempre me apresentava acompanhada por músicos homens. Na minha primeira apresentação no *I Sonora*, cantei e toquei violão em algumas canções; em outras fui acompanhada ao violão pela cantora

---

<sup>2</sup> Disponível em VELON, 2022, p. 178.

e violonista Luisa Lacerda<sup>3</sup>, nome também importante neste processo, ao me incentivar a me acompanhar ao violão nas apresentações e retomar as aulas de violão para ganhar mais segurança no instrumento. Aos poucos, fui realizando cada vez mais apresentações de voz e violão solo, sem o acompanhamento de ninguém.

Os locais dos shows foram escolhidos em virtude da parceria que estabeleci com seus gestores, sem custos extras, como, por exemplo, pagamento de aluguel do espaço ou de equipamento de som. Tal escolha também se deu pela disponibilidade dos gestores em acolher uma programação de compositoras mulheres, cujo trabalho era pouco veiculado ou mesmo inédito, em datas sequenciais, num projeto sem nenhum financiamento, com a bilheteria como única fonte de renda. Parte da verba arrecadada era direcionada à casa que acolhia os shows e a outra parte era para as compositoras e músicas participantes. O envolvimento de todos os profissionais atuantes no festival se deu pelo reconhecimento da importância de seu objetivo, contribuindo para difundir com mais igualdade a obra de mulheres compositoras na música.

A primeira compositora que pensei em convidar para o *I Sonora* foi Paloma Roriz, que divide comigo a escrita deste texto, não só por sua postura firme em se assumir como compositora, mas por seu trabalho ter, a meu ver, um arrojo estético ímpar em sua estrutura composicional. Tanto em relação à poética (quase todas as suas canções têm letra e música próprias), quanto em relação à construção melódica e harmônica, sempre acompanhada a um violão muito bem elaborado.

Uma das compositoras com que entrei em contato por e-mail, Clarice Assad, mora nos EUA, mas resolvi perguntar se ela estaria no Rio de Janeiro em julho daquele ano, e coincidentemente ela disse que sim. O nome dela era de fato importante, por ser uma compositora com carreira internacional, e também arranjadora, orquestradora, pianista e cantora virtuose, atuações múltiplas que geralmente são atribuídas aos homens. Lembro de estar muito nervosa no dia da apresentação, por me apresentar no mesmo dia que Clarice e considerar que tocava “mal”. Clarice percebeu e disse que ninguém teria mais autoridade para tocar minhas músicas do que eu mesma, e que ninguém iria entendê-las

---

<sup>3</sup> Luisa Lacerda realizou um importante trabalho de pesquisa que resultou em dissertação de mestrado sobre mulheres cantoras-compositoras no Rio de Janeiro. In: LACERDA, Luísa Damaceno de. *Memórias compostas: narrativas de cantoras-compositoras no Rio de Janeiro*. 100f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Programa de Pós-Graduação em Música, Rio de Janeiro, 2017.

com mais profundidade, porque eu as tinha feito. Fizemos shows separados, mas ao final do show, cantamos “Corcovado” (Tom Jobim), com Clarice ao piano, realizando um longo improviso vocal durante a performance.

Aline Gonçalves e Carol Panesi também atuavam como arranjadoras e instrumentistas, mas não expunham muito seus trabalhos como compositoras, assim como Marcela Velon, cantora. Elas relataram igualmente o papel importante do *Sonora* para que estruturassem melhor e difundissem mais sistematicamente seus trabalhos como compositoras.



Imagens 1 e 2: Coletivo Essa Mulher em 2017 e 2018

Após a realização do *I Sonora*, e constatando a emoção e o empenho de todos os participantes no festival, senti que seria importante seguir com atividades que fortalecessem a difusão do trabalho de mulheres compositoras. Mas precisaria de mais pessoas que contribuíssem com a produção e curadoria das atividades. Tive a ideia de criar um coletivo de mulheres compositoras, que atuasse não só na promoção de shows e festivais de música, mas também promovendo debates sobre a questão da mulher no Brasil. Convidei então Aline Gonçalves, Carol Panesi e Marcela Velon e juntas criamos o Coletivo Essa Mulher. O nome do coletivo foi inspirado na canção “Essa Mulher”, de Joyce e Ana Terra, cuja letra retrata as belezas e as mazelas de ser mulher em suas múltiplas facetas, tanto social como subjetivamente, diante dos desafios de uma cultura predominantemente machista.

O Coletivo Essa Mulher nos anos seguintes promoveu vários eventos com compositoras mulheres. Alguns deles foram a *Mostra Essa Mulher*, shows com duas compositoras por apresentação, e as outras edições do *Sonora – Festival Internacional de Compositoras*. Atuei no Coletivo Essa Mulher até 2019, quando saí para me dedicar de

forma mais focada em minha vida profissional na música, tanto como cantora e compositora, quanto como pesquisadora, entrando nos anos seguintes no mestrado (UNIRIO) e no doutorado (UNICAMP), este último em curso.

O *II Sonora RJ* ocorreu em 2017 e contou com 43 compositoras, número bem maior que no primeiro festival. O crescimento se deveu à nossa vontade de expor no *Sonora RJ* uma maior e mais democrática representatividade relativa a gêneros musicais, questão étnico-racial, localidades (havendo nesta edição inclusive a presença de compositoras residentes em outras cidades fora do estado do RJ) e condição econômica. A programação foi bem mais extensa e a administração bastante trabalhosa, mas a realização se revelou verdadeiramente emocionante e gratificante para todos que participaram. Havia tanto presença de compositoras estreadoras, quanto de compositoras de todas as idades, muitas já atuantes como cantoras, mas que nunca haviam realizado um show como compositoras, como foi o caso de Cacala Carvalho, que relatou: “Eu nunca tinha feito em trinta anos de carreira um show só com as minhas músicas” (*apud* VELON, 2022, p. 185).

O *III Sonora*, último do qual atuei diretamente na produção e curadoria, ainda como integrante do Coletivo Essa Mulher, ocorreu em 2018 e contou com nove compositoras. Carol Panesi saiu do Coletivo no mesmo ano, e posteriormente, Aline Gonçalves sugeriu convidarmos Maria Clara Valle para integrá-lo.

Para a manutenção deste festival ao longo dos anos, foi necessário recorrer a um trabalho colaborativo, construído não só pelo Coletivo Essa Mulher, mas por todos os participantes, especialmente as compositoras. Recorremos a “vaquinhas”, campanhas de financiamento coletivo, esquemas de permuta, tudo que fosse possível para financiar e tornar viável a estruturação, divulgação e registro do festival, com excelência cada vez mais apurada. Nos anos seguintes também conseguimos realizar mesas, debates e exposições compostos por mulheres intelectuais, ativistas, artistas plásticas e produtoras.

No ano de 2022, Maria Clara Valle saiu do Coletivo Essa Mulher. O coletivo continua atuando e o *Sonora* segue ocorrendo anualmente, não tendo sido realizado em 2020 e realizando-se em 2021 em formato virtual, em virtude da pandemia do COVID-19. Carol Panesi, Maria Clara Valle e eu seguimos sempre contribuindo com as atividades do coletivo e o festival, mesmo não mais atuando neles diretamente. É inegável que as

experiências proporcionadas pela atuação nestas ações coletivas mudaram a vida de todas nós, pessoalmente e profissionalmente.

2.

Em 2016, recebi o convite de Ilessi para participar do *Sonora – Festival Internacional de Compositoras*, o primeiro que ocorreria no Rio de Janeiro, entre os dias 04 e 09 de julho do mesmo ano. Aceitei o convite e fiz um show de voz e violão com participação da violoncelista Gretel Paganini, dividindo a noite com a apresentação de Diana Nascimento. A apresentação ocorreu no Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca. Foi uma decisão difícil. Como compositora popular, iniciei meu trajeto no ano de 2000, aos 21 anos, com o recebimento de uma premiação da Prefeitura do Rio de Janeiro. Estudei canto popular, fiz shows, parcerias como letrista, e participei de projetos musicais voltados para produções autorais. Tranquei a graduação em Letras, iniciada na PUC-Rio, em 1999, retomando o curso em 2003, finalizado em 2006. Em 2011, consegui avançar com o projeto de gravação de um disco autoral, com produção independente, produzido por Sergio Krakowski e dirigido por Armando Lôbo. No ano seguinte fui para a França cursar o mestrado em Estudos Lusófonos, retornando ao Brasil em 2015. O disco, praticamente finalizado em 2012, não foi lançado, em parte por falta de verba para a finalização do projeto, em parte, por ter, naquele momento, colocado em xeque minha atuação como música e como compositora. Contando com a colaboração de excelentes artistas e instrumentistas, o projeto do disco tinha alcançado um resultado surpreendente. Mas, por algum motivo, foi para a gaveta e não se concretizou.

Quando surgiu o convite de Ilessi, em 2016, cursava o primeiro ano de doutorado em Literatura Comparada na UFF. Com a pesquisa centrada em literatura portuguesa, procurei sempre separar a atividade acadêmica da prática musical, entendendo ambas como atuações de naturezas marcadamente distintas. Ilessi me explicou a proposta do projeto Sonora, voltado para trabalhos musicais realizados por mulheres, e pensei, naquele momento, que, até então, nunca tinha participado de nada parecido. A ideia não parecia ruim. Era, na verdade, animadora.

De fato, os trabalhos musicais realizados por mim tinham sido todos, até então, conduzidos por homens. Nas apresentações musicais, de repertório autoral, não tocava o

meu instrumento, o violão. No disco, formado por músicas de minha autoria, cantei em todas, mas não toquei em nenhuma, na verdade, não me autorizava a tocar em público. Quando recebi o convite de Ilessi, uma artista que imprime em todo seu trabalho uma força surpreendentemente inquieta e catalizadora, não soube bem o que fazer, e pensei mesmo em recusá-lo. Sabia que havia ali uma intimação e que, ao aceitá-la, teria que subir no palco com meu instrumento e tocar, do jeito que fosse.

Como resultado da apresentação no *I Sonora*, reencontrei, depois de alguns anos sem contato, a compositora e violonista Kalu Coelho. Movidas pelo entusiasmo com o evento e com aquilo que representava naquele momento, pensamos em formar um trabalho juntas. Kalu também tinha ralentado, nos últimos anos, a sua atividade como compositora, focada nas atividades de educadora e professora na Escola Villa-Lobos de Búzios, no estado do Rio de Janeiro.



Imagens 3 e 4: apresentações musicais no Mostra Essa Mulher (2017) e Festival Sonora (2018)

Decidimos que seria um trabalho autoral, com base em nossas composições e no diálogo sonoro entre os universos da música instrumental e da canção popular. Para o projeto, convidamos ainda duas musicistas, Aline Gonçalves, nos sopros, e Gretel Paganini, no violoncelo. Ganhando corpo inicialmente em duas apresentações, ainda em 2016, na Casa Benet Domingo, no Rio de Janeiro, com participação especial de Ilessi, o projeto integrou programações realizadas em 2017 e 2018 pelo Coletivo Essa Mulher, passando por um segundo formato, com a saída de Gretel Paganini e a entrada de Lise Bastos, no contrabaixo, em shows no Centro da Música Carioca Artur da Távola e no Triboz-Rio.

Compreendendo tais projetos coletivos como articuladores efetivos da insurgência de mulheres na cena musical popular e instrumental brasileira mais recente, com

particular ênfase de sua ação na cidade do Rio de Janeiro, nos últimos anos, a tentativa deste relato, embora sem qualquer viés teórico, histórico ou etnográfico, não deixa, no entanto, de se mover entre o desejo político e crítico de afirmação – em sua descrição próxima, pessoal e subjetiva – do contato, impacto, e enfrentamento dessas ações coletivas no percurso de nós, mulheres, compositoras.

### Referências bibliográficas

LACERDA, Luísa Damaceno de. *Memórias compostas: narrativas de cantoras-compositoras no Rio de Janeiro*. 100f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Programa de Pós-Graduação em Música, Rio de Janeiro, 2017.

VELON, Marcela da Silva. *Ação e obra de três coletivos de mulheres músicas na cidade do Rio de Janeiro - Análise feminista e decolonial*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Programa de Pós-Graduação em Música, Rio de Janeiro, 2022.

Recebido em 07/08/2022  
Aceito em 06/07/2023

---

<sup>i</sup> **Ilessi Souza da Silva** é cantora, compositora e pesquisadora musical. Doutoranda em Música pela UNICAMP, possui mestrado em Música pelo PROEMUS – UNIRIO. Tem cinco álbuns gravados: *Brigador – Ilessi canta Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro* (CPC-UMES, 2009); *Mundo Afora: Meada* (Rocinante Gravadora, 2018); *Com os pés no futuro: Ilessi e Diogo Sili interpretam Manduka* (2020); *Dama de Espadas* (Rocinante Gravadora, 2020); *Rendição – Ilessi e Vicente Paschoal* (2022). **E-mail:** [ilessisilva@gmail.com](mailto:ilessisilva@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Paloma Roriz** é pesquisadora de pós-doutorado [FAPERJ-PDR-10] em Literatura Comparada junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) da PUC-Rio. Doutora em Literatura Comparada (UFF), possui trabalhos de pesquisa voltados para poesia portuguesa contemporânea, atuando na música de forma independente como compositora, letrista e cantora. **E-mail:** [palomaroriz8@gmail.com](mailto:palomaroriz8@gmail.com)